

## POR UMA CONCEITUAÇÃO DE TEORIA LITERÁRIA

Telênia Hill

UFRJ

### INTRODUÇÃO

Antes de assim denominar-se, a Teoria Literária preenche seu espaço, desde as primeiras lições de Poética e de Retórica. Só recentemente, entretanto, é que atinge um **status** universitário, podendo ser ministrada como disciplina propedêutica, ou, num enfoque mais complexo, como filosofia da literatura.

Em 1950, Afrânio Coutinho apresenta, à antiga Faculdade de Filosofia do Instituto La-Fayette do Rio de Janeiro, um projeto de criação da disciplina Teoria Literária, a incluir-se na 1ª série de todos os cursos de Letras. O projeto mereceu aprovação, e Teoria Literária passou a ser ensinada em caráter obrigatório.

Os argumentos apresentados no projeto eram bastante persuasivos, pois delimitavam, com propriedade, a natureza, os objetivos e as implicações do ensino da nova disciplina. Em resumo, eram os seguintes:

#### 1) Natureza

— constitui-se como disciplina autônoma, independente da história e da ciência da linguagem.

#### 2) Objetivos

— tem por finalidade o estudo do fenômeno literário em si e de seus problemas fundamentais, e a metodologia da pesquisa literária;

— visa ao estudo dos problemas gerais e propedêuticos da literatura; dos métodos da crítica e da história literária; dos gêneros literários, levando em conta suas técnicas de estruturação. Visa, ainda, à análise dos estilos em literatura.

### 3) Ensino

— a disciplina será ensinada como uma ciência da literatura, que abordará a metodologia do trabalho intelectual aplicado aos estudos literários, e ainda, os problemas de produção e consumo da literatura;

— além da parte teórica, abrangerá uma parte prática, constituída de estudos de textos e práticas de exposição oral;

— procurará desenvolver e estimular as vocações para as letras, sistematizando e disciplinando essas vocações através dos laboratórios de criação literária, dirigidos, tanto quanto possível, por escritores experimentados no ensino;

— o âmbito geral de estudo da disciplina justifica-se uma vez que as literaturas nacionais são estudadas em cadeiras específicas.

Desnecessário seria insistir na importância do ensino da Teoria Literária, quer em nível preliminar, em cursos básicos, quer em nível de aperfeiçoamento, em cursos profissionais, optativos.

Constatada a operosidade didática da disciplina em foco, empreender-se-á um percurso de interiorização que incidirá num estudo reflexivo.

## DIMENSÃO E ALCANCE DE TEORIA

Teoria implica visão. Provém do grego *theoría*, ação de olhar, contemplar, especular. Uma vez que o conceito de Teoria se conecta com o de estrutura, achou-se cabível, para atestar o grau de intensidade do Ver que está contido no primeiro, recorre-se, como já se fez em estudo anterior, à passagem do Evangelho que trata da aparição e ressurreição de Cristo a Maria Madalena, segundo João 20, 1-10.

Numa primeira instância, Madalena, Pedro e João, indo ao sepulcro onde Jesus fora colocado, e encontrando a pedra retirada, apreenderam uma totalidade confusa mas orientadora: Jesus não está no sepulcro. Numa segunda leitura, João e Pedro viram, no chão, as ligaduras e o sudário que se achava longe, enrolado em outro lugar. Observaram-se os elementos, individualizadamente. Associada à primeira, configura-se, nessa fase uma outra maneira de ver: a visão do detalhe. Num terceiro momento, João, que vira

mas ficara de fora, entrou também no sepulcro: Ele viu e acreditou. Os apóstolos não tinham ainda entendido que, segundo as Escrituras, Jesus devia ressuscitar dos mortos.

A terceira abrangência pode constituir-se como a síntese das duas outras. É a visão da totalidade, do que ficou por detrás, apreendido como o resultado da tensão entre a percepção da totalidade e a do detalhe. Concebe-se o que ultrapassa o visível. Explicita-se o sentido do étimo *Theorein*, em que se conscientiza o estágio intensivo do Ver. Significa o olhar que transcende o visível, a captação do que está latente, do que ficou por trás.

Teorizar é, pois, "interpretar, captar por dentro o que as visões do conjunto e do detalhe propiciam".

Numa segunda leitura, *theorein* se apresenta composto por dois radicais: *thea* + *ho* — *rao*, em que *thea* significa fisionomia, e *ho* — *rao*, captar com o sistema ocular, ver. Teoria é, portanto, o conjunto dos meios, das perspectivas e das condições onde se capta a fisionomia de um fenômeno.

Procedendo-se a uma terceira interpretação tem-se os dois termos componentes da Teoria acentuados de maneira diferente: *Thea* (deusa) + *hóra* (verdade). A verdade se concebe como o processo, a dinâmica de condições de possibilidade de diferenciação de um fenômeno. Isso quer dizer que aceitar os limites das diferenciações é estar acorde com a dinâmica da verdade, de descobrimento de um fenômeno. Infere-se que Teorizar é "respeitar a dinâmica instauradora das diferenças e dos limites da estrutura de um fenômeno".

Postas em confronto as três leituras, pode-se afirmar que a identidade nelas se marca pela concordância em conceber a Teoria como a estância de acolhimento da captação do implícito.

## DIMENSÃO E ALCANCE DE LITERÁRIO

A palavra literário indicia a idéia de fenômeno, que se caracteriza pela peculiaridade do manifestar-se, do pôr-se à luz.

Ao refletir sobre literário avoca-se a forma verbal latina *fin-guere*. Dentre as várias acepções propostas por Félix Gaffiot selecionam-se: fabricar, gerar, dar forma, modelar criando, represen-

tar, imaginar. Ao escolherem-se os dois primeiros significados, representa-se a realização de um movimento de dentro para fora, estruturando uma imagem, um delineamento que possibilitará a realização física do imaginário.

Quando se fala em imaginário, está-se, ainda, instalado no campo semântico de fingere, e conscientiza-se a impulsão da força de luz que emana do fenômeno. Esta se exterioriza por meio de uma forma. Portanto, num estágio artístico da elaboração do pensamento, a ficção se en-forma e surge como obra. Restringindo o raciocínio ao fenômeno literário, afirma-se que a obra se concretiza por meio de um dos seus momentos geradores: do lírico, do épico, ou do dramático, numa figurização simbólica, em que a metáfora avulta como o principal recurso de linguagem. Opera-se a mimese. Numa projeção para o estático, ela acolhe, em sua plenitude, a catarse ponto de encontro em que se ilumina a interseção das trajetórias do produtor e do fruidor; um operar-se de purificação do qual se exclui a acepção de sem mácula, uma instância de decisão que harmoniza produtor e fruidor.

Corporificada em obra, a ficção se produzirá por meio de caminhos diferentes, que poderão ser o da história, o da crítica, o da ciência, ou o da filosofia. "A história se incumbirá de responder pela gênese e evolução dos fatos literários; a crítica, o mais diferencial dos trajetos, dará conta das diferenças dos diferentes caminhos; a ciência se responsabilizará pelo traçado de métodos, processos de sistematização, etc.; e, finalmente, a filosofia procurará traçar os pressupostos que poderão ser da história, da crítica ou da ciência". É claro que história, filosofia, crítica e ciência não se colocarão em compartimentos estanques. Considerando-se esses quatro aspectos como realizações da Ficção, cada um se caracterizará pelo seu predomínio, contendo, portanto, os outros.

Ao rever-se o que até aqui se concatenou: o fenômeno literário se mostra em si a partir de si mesmo, através da ficção, é gerado pelos gêneros literários, se concretiza com a metáfora, por meio da mimese e da catarse. Ele se plenifica na obra literária, cuja competência permite o traçado de caminhos possíveis de serem tomados, o vislumbre de horizontes luminosos e não iluminados em que o início e o fim se tocam. Lembrando Parmênides, é onde se instala "o coração intrépido da verdade de beleza circular", ou seja, a obra de arte por ser a concretização de uma essência com-

plexa, dá margem a múltiplos enfoques. Ela é polissêmica, mantendo, no entanto, sua interioridade.

Ao recompor os termos Teoria e Literária afigura-se que a tarefa da Teoria Literária é trabalhar seu objeto de maneira a que se atinja a fonte do imaginário. O horizonte do literário se delineia pelas características de semelhança e de diferença, que incidem na produção e na fruição, e se põe como a envergadura onde se estendem as peculiaridades da arte da palavra, e na qual correm os caminhos e se constróem os momentos geradores da produção poética (o lírico, o épico e o dramático).

## A TEORIA LITERÁRIA E O HOMEM

Não faz sentido uma reflexão sobre o literário que exclua o homem, porque é nele que se revelam os modos de ser de tudo o que existe.

Segundo Emmanuel Carneiro Leão, "o vigor da arte se edifica na epifania de um mundo humano". E as diferentes realizações estéticas nada mais são do que a consequência dos diversos estados de criação que o artista experimenta, movido pela necessidade de busca incessante, como elemento constituinte de uma coletividade, e como indivíduo singular, com suas tendências, necessidades e realizações.

O que provoca o pensar estético é o próprio mistério do viver, e o homem, que nasce para a morte, dela procura libertar-se, sublimando-se no espiritual. Encarnando as características do sensível, a obra, que só tem sentido porque vem do humano e para ele se destina, está sujeita à mesma peculiaridade de variabilidade-permanência do ser vivo. A evolução não anula a permanência. É graças à invariabilidade da substância individual que os seres têm possibilidade de transmutarem-se.

A obra de arte e, especificamente, a literária, se apreende como a delimitação estética de um momento histórico. Remetendo à essencialização do humano, ela imprime fixidez ao transitório, e delimita, por meio de imagens, estágios do fluir ininterrupto da vida. Ratifica-se, pois, a fundamentalidade do humano sobre o qual se ergue o artístico, e, em caráter mais restrito, o literário.

Assim como transparece, a existência humana se esconde na opacidade do mistério. Sua luz, finita, que a caracteriza e a corporifica, provém da grande luz que vive da infinitude.

Pela sua complexidade e riqueza, a Arte, apesar de elaborada pelo homem, tem capacidade para satisfazer as buscas e solicitações que ultrapassam as limitações do intelecto. Operando esteticamente, o artista tem possibilidade de realizar-se como pessoa e conscientizar a meta que se lhe destina atingir.

O verdadeiro pensar humano desloca da intimidade do ser. Considerando a Arte como a manifestação do pensamento, tem-se que, além de se lhe reconhecer o caráter extrínseco — arcabouço formal que delimita sua individualidade — acolher o aspecto intrínseco que lhe é próprio. Dessa forma, somente, é que se tenderá para o atingimento da verdade estética.

O fruidor que, sob a desculpa de maior objetividade, buscar características apenas ao nível do explícito, pode incorrer na mutilação da obra, subtraindo-lhe o que a propulsionou: a essência. Essência e existência se tensionam na elaboração da unidade estética que se configura em múltiplas individualidades. Seguindo percursos diferentes, elas se sinalizam em códigos peculiares, que se põem como as vias manifestativas da Identidade que os gerou, possibilitando o refletir sobre a originalidade do objeto estético. Este, ao invés de ser apreendido unilateralmente, deve sê-lo na sua totalidade, evidenciando não um atributo, mas o conjunto de atributos que se solidarizam e se apóiam. Opera-se a essencialização que atinge o ser do homem. Julgada como plenitude do vigor humano, a Arte remete à Vida. Quando a obra artística se apronta, o trajeto que ela oferece ao fruidor se confunde com o caminho que se palmilha na jornada vivencial. Mais do que enigma, o mistério deve ser estímulo à dinamização da busca. Os avanços da Arte e da Vida são mais perceptíveis no confronto com os recuos que as dimensionam.

A obra de arte, ao se explicitar em estado de criação, remete à Vida que gera e manifesta tudo o que lhe é inerente no estado da natureza. Vida e Arte só têm sentido quando se lhes conscientiza o sem-sentido.

A arte, conscientização poética da existência, se arma como a representação intelectual do conteúdo intrínseco das coisas.

Em seu *Conceitos fundamentais da poética*, Emil Staiger empreende a perspectiva filosófica dos gêneros, em que o homem é o centro especificador da discussão. Ele realiza uma crítica que objetiva inverter a perspectiva de uma caracterização pela forma e, também, por formas predeterminadas.

A Teoria Literária deve limitar-se a compreender e organizar princípios que digam respeito a seu objeto de estudo. Entretanto, para a realização de tal tarefa, é mister que ela transcenda os limites do literário e busque apoio nas disciplinas que se empenham em estudar mais verticalmente a problemática do homem, como a Antropologia, a Lingüística, a Psicologia e o Direito. A investigação empírica e a pesquisa teórica também se fazem necessárias.

Considerada como ciência do espírito, a Teoria Literária deve possuir objeto de estudo e método. Entretanto, esse método não pode ser calcado na exatidão ou na constatação mecânica.

Ciência que estuda o trabalho do homem na elaboração estética da palavra, a Teoria Literária impõe um rigor peculiar, que não se situa, nem no empirismo, nem na exatidão. Congrega para a sua conscientização setores culturais aparentemente afastados, conjugando esforços que visam ao esclarecimento da compreensão da intersubjetividade. Preenche, portanto, o abismo entre a literatura e as chamadas ciências do homem.

## A TEORIA LITERÁRIA E A INCLUSÃO DO SILÊNCIO

Do ato de pensar resulta tudo o que diz respeito à vida humana. Numa postura reflexiva, Rilke aconselha a “deixar os sobressaltos do pensamento. Eles se desfazem. Na verdade pensar é outro alento. Um alento do NADA. Um vibrar em Deus. Um sopro!”

Embora possua a peculiaridade de operar através do raciocínio, o homem tem de se deixar levar pelo fluxo da mente. Para isso, terá de ultrapassar as barreiras da predeterminação. Ele só realizará as faculdades de ser pensante quando tornando-se cosmo-pensado passar a cosmo-pensante. O seu pensar se ilimita no grande pensar cósmico.

Na vida prática, o homem comum tem uma cosmovisão diferente da do artista, porque valoriza demais a realidade circundante.

Pensar é justamente renunciar ao artificial do arbitrário e se deixar levar pelo natural do imanete. É encontrar-se com os seres e as coisas, sendo um pouco de ser e de coisa. É estar acorde com a idéia infinito-criadora que conduz ao total despojamento. É penetrar no Silêncio que dá sentido à Vida. É identificar-se com o Supremo.

"Pensar é ser." O homem, ao pensar, é impulsionado por algo que mobiliza toda a sua natureza e o impele a ser. No estágio do pensamento exclui-se o sentir. Só se é quando se ultrapassa o sentir. Libertando-se do sensível é mister que o pensamento, para atingir a verdade plena, ingresse no campo do impalpável, onde pensar flui como um sopro. Entretanto, para chegar-se ao ser, tem-se de, obrigatoriamente, sentir. Pensar e sentir são momentos de uma realidade orgânica que se excluem mutuamente mas que se completam dialetizando-se.

O caráter sensível do pensamento se mostra na língua, em cuja perspectiva todo pensamento é texto. Este se compõe como um sistema de signos que mostra em sua estruturação os que recorre com regularidade.

A construção sistêmica da obra impressiona pelo peso que reflete em sua concretude. O tecido verbal se ergue como um organismo em que cada palavra ou grupo de palavras deve ter a funcionalidade assegurada, de acordo com a coerência estrutural do texto. Suporta-se a gravidade do código lingüístico que será tanto mais plena quanto mais exaustiva for a abordagem crítico-lingüística.

Num contato mais profundo com o texto, cujo sucesso dependerá da operosidade da fase anterior, tem-se que descobrir o dinamismo que move a funcionalidade das funções.

Até esse ponto, constata-se a construção de um sistema solidamente estabelecido, em que as peças constituintes se posicionam coerentemente. Para o estudo do texto literário, no entanto, essa visão de solidez tem condições de provocar um sentimento de insatisfação, traduzido em questionamento. A gravidade do texto atenua-se, e ele começa a adquirir leveza.

As palavras, acolhendo o silêncio, valem, não pelo que explicitam, mas pelo que querem dizer no conjunto, ao se tematizarem reflexivamente.

Estancia-se no literário, e todo o peso do sistema lingüístico é abandonado. O signo poético se configura, caracterizando-se pelo

esvaziamento do convencional e pela fundação de novos significados. Instala-se o signo vazio que se disponibiliza com a estruturação estática, e se marca como o legítimo cultor de sentidos singulares.

Laos Tse, sábio chinês do séc. VI a.c., medita sobre a significância da vacuidade desse signo quando registra:

Trinta raios rodeiam um eixo  
mas é onde o raio não raia  
que roda a roda.  
Vaza-se a vasa e se faz o vaso,  
Mas é o vazio  
que perfaz a vasilha.  
Casam-se as paredes e se encaixam portas,  
mas é onde não há nada  
que se está em casa.  
Falam-se palavras  
e se apalavram falas,  
mas é no silêncio  
que mora a linguagem.  
E o ser que faz a utilidade,  
Mas é o Nada que  
dá sentido.

## NOTAS

- 1 - HILL, Telenia. *O real, a mimese*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 51: p.11-16, 1977.
- 2 - LEÃO, Emmanuel Carneiro. *Notas de aula do curso "A poética de Aristóteles"*. UFRJ, 1974.
- 3 - Idem.
- 4 - LEÃO, Emmanuel Carneiro. *O pensamento de Heidegger no silêncio de hoje*. Petrópolis, Vozes, 4: p.6, 1977.
- 5 - Idem. *Crítica literária e existencialismo*. In: ... et alii, *Tendências da literatura contemporânea*. Rio de Janeiro, Gernasa, 1969. p.33.
- 6 - Idem nota 4. p.3.
- 7 - Idem.
- 8 - LAO TSE. *Tao Té Ching Trad. (inédita) de Emmanuel Carneiro Leão. Poema nº 11.*